



# Sumário

INTRODUÇÃO – ALÉM DE “BODE”, SUBVERSIVO .....	9
1. DO NASCIMENTO À ESCRAVIDÃO (1830-1840) .....	15
Os primeiros anos de Luiz Gama na Bahia ▪ 15	
A infância por ele mesmo ▪ 17	
Pai e mãe: duas figuras em contraste ▪ 17	
2. DA ESCRAVIDÃO À LIBERDADE (1840-1848) .....	23
Soldado e homem ▪ 23	
Escravidão e rejeição ▪ 25	
As primeiras letras aos 17 anos ▪ 26	
As estratégias de um soldado a serviço do homem ▪ 28	
3. A LUTA PELA LIBERDADE COMO PROJETO DE VIDA (1848-1882) .....	31
Nos tribunais ▪ 33	
“Lei para inglês ver” ▪ 35	
Na imprensa ▪ 37	

Na literatura ▪ 50

Na política ▪ 63

CONCLUSÃO ..... 71

DADOS BIOGRÁFICOS ..... 93

BIBLIOGRAFIA ..... 99

ANEXO – “A QUESTÃO JURÍDICA” ..... 101



## Introdução – Além de “bode”, subversivo

“Insubmisso”, “bode” e “agente da Internacional Socialista”<sup>1</sup> foram alguns dos adjetivos que Luiz Gonzaga Pinto da Gama recebeu de seus adversários, ao longo de sua vida marcada pela luta contra a escravidão negra, em São Paulo, na segunda metade do século XIX. Entretanto, foi como “Orfeu de carapinha”, “precursor do abolicionismo no Brasil” e “poeta da negritude” que Luiz Gama tornou-se uma das mais importantes personalidades da nossa história na defesa da liberdade.

A insubmissão acompanhou-o desde sempre – herança do comportamento rebelde atribuído aos negros baianos, que não aceitavam a escravidão e resistiam com as armas que tinham, como aconteceu em 1835, na Revolta dos Malês<sup>2</sup>. “Cabra”, “bo-

- 
1. A Primeira Internacional Socialista surgiu em 1864 de uma articulação de lideranças sindicais e ativistas socialistas. Seu objetivo era organizar e promover a libertação dos trabalhadores oprimidos em todo o mundo.
  2. Organizada por grupos negros islamizados que pretendiam tomar o poder na Bahia pela força das armas, a Revolta dos Malês foi frustrada graças à →

de” e “mulato” eram as denominações pejorativas dadas aos mestiços no Brasil imperial e escravista e, com alguma frequência, no início da República. Os mesmos insultos se transformaram em uma das mais conhecidas poesias satíricas escritas por Gama para ironizar aqueles que só viam na Europa as origens brasileiras.

E, na defesa dos negros africanos “criminosamente reduzidos à escravidão”, Luiz Gama foi acusado de ser agente da Internacional e organizador de uma insurreição de escravos em um momento histórico em que a Europa se transformava. As utopias socialistas ganhavam adeptos em todo o mundo ocidental e, na mentalidade da conservadora e escravocrata elite paulista, o advogado que já fora escravo se tornava um subversivo.

Hoje, na maior cidade do país, quem caminha pela rua Luís Gama, próximo ao Largo do Cambuci, provavelmente não imagina quem foi o homem cujo nome aparece nas placas. Pois é assim que a memória urbana preserva, no silêncio anônimo dos trajetos, a história.

Passamos todos os dias diante de grandes e pequenos acontecimentos históricos sem saber. A toponímia guarda na simplicidade das placas de ruas e avenidas histórias que o tempo transforma em referências geográficas urbanas. São substantivos próprios que o dia a dia se encarrega de tornar nomes comuns, desconhecidos. A memória nacional jaz silenciosa por esquinas, avenidas, ruas, praças e largos de nossas cidades.

---

→ traição de um de seus integrantes, dias antes da eclosão. A maioria de seus organizadores foi morta, presa ou desterrada.

Mas a toponímia ajuda a memória imediata e preserva, no tempo, a histórica. E pode levar, quem sabe, um transeunte caminhando desatento pelo Largo do Cambuci a fazer uma pergunta, em meio à solidão ociosa da viagem: quem foi Luiz Gama?

Uma primeira resposta poderia ser encontrada no semanário *Vida Paulista*, publicado nos dias 14 e 15 de maio de 1904<sup>3</sup>:

Não pode haver comemoração de 13 de maio sem o glorioso nome dos precursores, e desses os que mais fizeram não foram por certo os que receberam os últimos aplausos, mas os que prepararam, por uma propaganda honesta, contínua, severa, animo popular para compreender que a escravidão era a ignomínia social, o senhor de escravos um iníquo e paiz que admitia uma instituição assim aviltante uma nesga de território que a civilização conspurcava, baixando-a ao nível em que domina o réprobo. [...] E o 13 de maio é obra de Luiz Gama porque o plano de combate que a Victoria, foi elle quem o traçou, deixando a nós outros depois da liberdade do preto em missão, ainda mais difficil, ainda mais penosa, mas tão necessária quanto aquella – a educação cívica do branco.

O mais importante biógrafo de Luiz Gama, o acadêmico Sud Mennucci, acrescenta outra definição sobre nosso personagem:

---

3. Ao longo deste livro, tanto nas cartas quanto nos poemas, optamos por manter a grafia encontrada nos documentos da época. As correções efetuadas foram mínimas, sempre com o objetivo de melhorar a semântica das frases. [N. E.]

De miserável moleque, enjeitado e escravizado pelo próprio pai, ascendera, num esforço sobre-humano, de que há alguns outros exemplos no Brasil, embora nenhum com o mesmo relevo nem com a mesma intensidade, e subira até essa completa consagração pública. Quarenta e dois anos de vida laboriosa, obstinada, tenaz, e da qual os primeiros tempos foram, sem a mínima hipérbole, infernais, tinham feito do humilde negrinho que galgara a pé a Serra do Cubatão, na escalada de Santos para São Paulo, a hercúlea envergadura do homem, ao mesmo tempo, mais amado e mais temido da capital da Província bandeirante.

Tinha-o elevado a essas alturas a sua insaciável, a sua inextinguível, a sua indosalterável sede de justiça. Pode-se representar a vida inteira de Luiz Gama como duas mãos tendidas para o alto, no clamor incessante do respeito aos diretos humanos.

Tanto o semanário *Vida Paulista* como Sud Mennucci eram algumas das vozes que no século XX reconheciam a importância daquele que foi chamado de “advogado dos escravos” na luta pela abolição. Em 1880, o próprio Gama descreveu, em uma carta autobiográfica encaminhada ao amigo Lúcio de Mendonça, os fatos definitivos de sua vida que nos permitem conhecê-lo desde o nascimento – ocorrido em 1830, na cidade de Salvador – até dois anos antes de sua morte – que se deu na capital paulista em 1882.

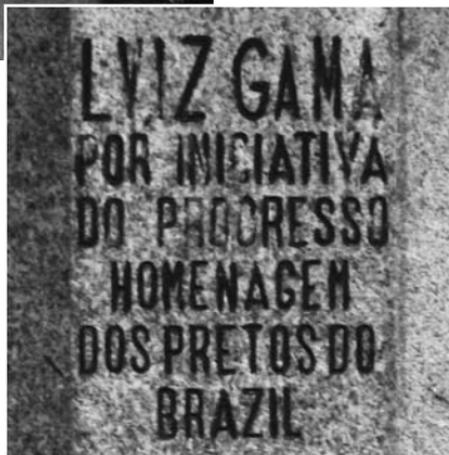
Se observarmos sua vida cronologicamente e levarmos em consideração o contexto histórico em que viveu e atuou, vislumbraremos uma existência marcada pela luta. Seu incansá-

vel espírito de superação, aliado à capacidade de articular forças sociais que comungavam os mesmos objetivos, fortaleceu sua atuação abolicionista no campo legal, político-partidário, assistencial literário e jornalístico.

Gama defendeu, de maneira estimulante e insistente, a liberdade e a justiça para aqueles que, como afirmava, estavam criminosamente reduzidos à escravidão. Sim, porque embora uma lei de 7 de novembro de 1831 proibisse a entrada de africanos escravizados no Brasil, o comércio de pessoas era amplamente realizado no Império sem que nenhuma autoridade se opusesse a isso. A mesma legislação estabelecia que os africanos boçais, ignorantes da língua e dos costumes da terra, importados depois daquela data, deveriam ser encaminhados aos países de origem. Quem os trouxe para o Brasil seria responsável pelos custos da viagem. É com base nessa lei que Gama norteará a defesa dos africanos escravizados, como veremos mais à frente.



fotos: Vera Lúcia Benedito





# 1. Do nascimento à escravidão (1830-1840)

## OS PRIMEIROS ANOS DE LUIZ GAMA NA BAHIA

Luiz Gonzaga Pinto da Gama foi uma das personalidades mais importantes do século XIX no Brasil imperial e escravista. Nasceu em Salvador, na Bahia, em 1830. Filho de uma negra africana livre e de um fidalgo português, foi vendido como escravo aos 10 anos de idade.

As adversidades desse período levaram escritores a considerar sua vida uma ficção literária pela personalidade constituída em um contexto totalmente desfavorável, trajetória que lhe rendeu ao longo de 52 anos as qualidades e o comportamento de herói.

Na realidade, pouco se conhece de sua infância em Salvador, a não ser o que o próprio Gama quis que soubéssemos em uma carta autobiográfica, escrita a pedido de um amigo, quando já tinha 50 anos e se tornara personalidade consagrada em São Paulo.

Onde nasceu, o perfil da família, quando foi batizado e sua venda como escravo pelo pai – que até então o criara “em seus braços” – são informações que o próprio Gama nos franqueou. Muitos de seus biógrafos tiveram dificuldade de confirmar os relatos dessa carta. Uma coisa é certa: a casa onde nasceu ainda existe em Salvador; fica na rua que hoje tem seu nome e é identificada pelo nº 1.

Em *Os malês: a insurreição das senzalas*, publicado em 1933, Pedro Calmon dramatiza a vida de Luiz Gama e de sua mãe, Luiza Mahin. O autor atribui a ela uma participação no levante dos escravos no mínimo polêmica: afirma que, para proteger o filho, Luiza teria informado as autoridades sobre os planos da revolta. O livro relaciona ainda a luta do “poeta da negritude” em favor da liberdade com uma suposta proteção de um senhor, o conselheiro do Império Ângelo Ferraz. Pedro Calmon foi longe demais, ainda que na ficção.

O *Jornal do Brasil* de 11 de março de 1935 também retratou uma passagem desses primeiros anos de Gama. Conforme assinala o biógrafo Sud Mennucci, o jornalista Viriato Corrêa deu asas à imaginação e criou um texto em que o pequeno Luiz é vendido como escravo após uma armadilha cruel. Seu pai prometera levá-lo para passear, mas na verdade sua intenção era comercializá-lo e abandoná-lo a bordo do Saraiva, navio que seguiria para o Rio de Janeiro. Entre o desespero e as lágrimas, a criança desamparada chegaria à compreensão fria do que lhe acontecera.

Mas o próprio “advogado dos escravos”, com sua memória prodigiosa e habilidade narrativa, legou-nos, em um dos raros documentos escritos por um ex-escravo, os momentos essen-

ciais de sua vida: a infância livre até os 10 anos; a experiência como escravo doméstico até os 18 anos; e, daí em diante, a trajetória de um dos maiores nomes da luta contra a escravidão no Brasil. A seguir, transcrevemos trechos da carta de Luiz Gama a Lúcio de Mendonça – advogado e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras –, escrita em 1880<sup>4</sup>.

## A INFÂNCIA POR ELE MESMO

*Nasci na cidade de S. Salvador, capital da província da Baía, em um sobrado da rua do Bângala, formando ângulo interno, em a quebrada, lado direito de quem parte do adro da Palma, na Freguezia de Sant'Ana, a 21 de junho de 1830, pelas 7 horas da manhã, e fui batizado, 8 anos depois, na igreja matriz do Sacramento, da cidade de Itaparica.*

## PAI E MÃE: DUAS FIGURAS EM CONTRASTE

*Sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa Mina (Nagô de Nação), de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã.*

*Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a côr era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvissimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa.*

---

4. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/70/o-precursor-do-abolicionismo-no-brasil-luis-gama>>, p. 20-21.